

## Leitura como marcador da terapia fonoaudiológica grupal em pessoas com afasia subaguda

Reading as a marker of group speech therapy in people with subacute aphasia

La lectura como marcador de logopedia grupal en personas con afasia subaguda

Recebido: 23/02/2022 | Revisado: 02/03/2022 | Aceito: 09/03/2022 | Publicado: 17/03/2022

**Josiane Hoffmann**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5979-9676>  
Associação Educacional Luterana Bom Jesus, Brasil  
E-mail: [josianeehoffmann@hotmail.com](mailto:josianeehoffmann@hotmail.com)

**Giselle Athayde Massi**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3017-3688>  
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil  
E-mail: [giselle.massi@utp.br](mailto:giselle.massi@utp.br)

**Helbert do Nascimento Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0081-6897>  
Universidade da Região de Joinville, Brasil  
E-mail: [helbertlima@hotmail.com](mailto:helbertlima@hotmail.com)

**Roxele Ribeiro Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9914-4789>  
Associação Educacional Luterana Bom Jesus, Brasil  
E-mail: [roxele.lima@ielusc.br](mailto:roxele.lima@ielusc.br)

### Resumo

**Objetivo:** Comparar o hábito e a frequência de leitura de pessoas com afasia submetidos a terapia fonoaudiológica grupal com pacientes que não realizaram terapia fonoaudiológica. **Método:** Participaram da pesquisa 27 pessoas com sequela de afasia em fase subaguda, após o primeiro episódio de acidente vascular cerebral isquêmico: 15 pacientes que não realizaram terapia fonoaudiológica em grupo e 12 que realizaram terapia fonoaudiológica grupal. Para avaliar a gravidade da afasia, foi aplicado o Teste de Boston para Diagnóstico das Afasias Reduzido (TBDA-R). Utilizou-se um questionário para avaliar o hábito de leitura dos participantes. Esta avaliação quanto a leitura foi realizada no momento da inclusão e após 3 meses para ambos os grupos. **Resultados:** Na comparação dos dois grupos, verificou-se um aumento no hábito de leitura regular no grupo que fez terapia fonoaudiológica, embora não significativo (42% para 75%). Já o grupo que não realizou terapia fonoaudiológica, embora não significativo, demonstrou diminuição do hábito de ler ao longo do período (53,3 para 40%), apesar de apresentar maior tempo de escolaridade. **Conclusão:** A terapia fonoaudiológica em grupo pode possibilitar o aumento da adesão e da frequência de leitura em pessoas com afasia.

**Palavras-chave:** Acidente vascular cerebral; Afasia; Estrutura de grupo; Fonoaudiologia; Leitura; Qualidade de vida.

### Abstract

**Objective:** To compare aspects related to the reading of people with aphasia in group speech therapy with patients who did not undergo speech therapy. **Method:** 27 people with sequelae of aphasia in the subacute phase participated in the research, after the first episode of ischemic stroke: 15 patients who did not undergo speech therapy in a group and 12 who underwent speech therapy in a group. To assess the severity of aphasia, the Boston Diagnostic Aphasia Examination- Reduced (BDAT-R) was applied. A questionnaire was used to assess participants' reading habits. This assessment in relation to reading was performed at the time of inclusion and after 3 months for both groups. **Results:** In the comparison of the two groups, there was an increase in the habit of regular reading in the group that underwent speech therapy, although not significant (42% to 75%). The group that did not undergo speech therapy, although not significant, showed a decrease in reading habits after the period (53.3% to 40%), despite having a longer period of schooling. **Conclusion:** Group speech therapy can allow greater adherence and reading frequency in people with aphasia.

**Keywords:** Stroke; Aphasia; Group structure; Speech-Language Pathology; Reading; Quality of life.

### Resumen

**Objetivo:** Comparar el hábito y la frecuencia lectora de personas con afasia en tratamiento logopédico grupal con pacientes que no lo hacen. **Método:** Participaron en el estudio 27 personas con secuelas de afasia subaguda tras el primer episodio de ictus isquémico: 15 pacientes que no realizaron logopedia grupal y 12 que realizaron logopedia grupal. Para evaluar la gravedad de la afasia se aplicó el Test de Boston para el Diagnóstico de Afasias Reducidas (TBDA-R). Se utilizó un cuestionario para evaluar los hábitos de lectura de los participantes. Esta evaluación para la lectura se realizó

en el momento de la inclusión y después de 3 meses para ambos grupos. Resultados: Comparando los dos grupos, hubo un aumento en el hábito de lectura regular en el grupo que hizo logopedia, aunque no significativa (42% a 75%), el grupo que no hizo logopedia, aunque no significativa, mostró disminución del hábito de lectura en el período (53,3 a 40%), a pesar de tener más tiempo de escolaridad. Conclusión: La logopedia grupal puede aumentar la adherencia y la frecuencia lectora en personas con afasia.

**Palabras clave:** Accidente cerebrovascular; Afasia; Estructura de grupo; Fonoaudiología; Lectura; Calidad de vida.

## 1. Introdução

A leitura como modalidade da linguagem e mecanismo de comunicação, regido por um aparato neurofisiológico harmônico, proporciona a imanência do indivíduo leitor em seu construto cognitivo e social (Krug, 2015). Por meio da leitura, o indivíduo pode transformar sua realidade em virtude da ressignificação de suas experiências a partir dos textos que lê (Krug, 2015). Por isso, a ação de ler não se restringe à decodificação de signos alfabéticos, mas transcende a compreensão verbal, abarcando uma multiplicidade de recursos imagéticos (fotografia, charge, imagens, placas de trânsito), na medida em que depende de unidades verbais e não verbais (Knollman-Porter et al., 2016). As alterações de leitura são uma característica proeminente nas pessoas com afasia, após um acidente vascular cerebral (AVC), com uma prevalência estimada de 68% (Brookshire et al., 2014). Além da produção ou compreensão da fala, a capacidade de fazer uso da linguagem escrita também está alterada na pessoa com afasia (Brady et al., 2016). E, diante dessas alterações, a terapia fonoaudiológica, voltada à melhoria da qualidade de vida de pessoas com afasia, deve eliciar estratégias capazes de promover melhora nas funções comunicativas, incluindo atividades de leitura (Lima et al., 2021).

De um ponto de vista patogênico, a afasia é um comprometimento na linguagem, nas esferas expressiva e/ou compreensiva, ocorrendo em torno de 30% das sequelas do AVC (Dickey et al., 2010; Lima et al., 2020). Especificamente, no processo da leitura, a desordem abarca inabilidades na identificação de letras do alfabeto, nomeação de objetos, reconhecimento de palavras únicas, frases, parágrafos, texto estendido, na compreensão de narrativas, abstração, bem como na leitura em voz alta (Webster et al., 2021; Webster, Morris & Howard, 2022). A causa relacionada ao déficit de leitura pode ser resultado de um comprometimento fonológico, lexical, semântico e/ou cognitivo (Martins, 2016; Purdy et al., 2019). E, evidentemente, tais déficits impactam negativamente na vida da pessoa com afasia, principalmente, em indivíduos com hábitos de leitura (Webster et al., 2021). Neste âmbito, uma ação que lhe era, aparentemente, simples e que fazia parte de sua rotina diária, como a leitura de listas de compras, de uma receita, de poesias, de bilhetes, e-mails, entre outros, passa a ser enfrentada com diferentes níveis de dificuldades.

A propedêutica fonoaudiológica, no contexto terapêutico das afasias, envolve a comunicação oral, em seus eixos expressivo, compreensivo e pragmático (Altmann et al., 2019; Brady et al., 2016). A práxis fonoaudiológica, nas afasias, têm-se voltado para uma terapia de linguagem com enfoque interativo multimodal, privilegiando diversos cenários realísticos para evocação da linguagem, principalmente, em grupos terapêuticos de pessoas com afasia (Lima et al., 2018; Lima et al., 2021). A terapia grupal de pessoas com afasia propicia, por meio da interação, o resgate e o aperfeiçoamento das habilidades comunicativas, no que tange a iniciativa de turnos conversacionais, a prática de discursos, leitura e escrita, o uso pragmático da linguagem, além do refinamento das funções psicossociais, incluindo a participação ativa na comunidade (Santana, 2015; Fama et al., 2016; Lima et al., 2018; Lima et al., 2021; Lima et al., 2021).

Com efeito, tendo em vista estudos com enfoque terapêutico grupal, é possível afirmar que tal enfoque promove a qualidade de vida do paciente com afasia (Lima et al., 2018; Lima et al., 2021). Possibilitar a melhora comunicativa, abrange o resgate da atividade da leitura, envolvendo aspectos relevantes que interferem na percepção da qualidade de vida da pessoa com afasia, na medida em que suas possibilidades de interação aumentam a partir do ato de ler textos. Os trabalhos terapêuticos grupais podem desempenhar melhorias na relação que pessoas com afasia estabelecem com a leitura. Nessa direção, o objetivo

deste trabalho é comparar o hábito e a frequência de leitura de pessoas com afasia submetidos a terapia fonoaudiológica grupal com pacientes que não realizaram terapia fonoaudiológica.

## 2. Metodologia

A presente pesquisa, configura-se como um estudo clínico, não cego e não randomizado, com grupo controle. A amostra foi constituída de pacientes adultos com tempo do diagnóstico de primeiro AVC isquêmico entre 3 a 9 meses e que apresentavam afasia. A seleção de pacientes foi feita com base na data de internamento dos mesmos, no período de 03/2018 a 03/2019, por AVC, em um hospital público do município de Joinville, Santa Catarina. Foram incluídas pessoas que apresentaram afasia no momento do evento agudo, definida por um médico neurologista, que fez uso do *National Institute of Health Stroke Scale – NIHSS* (NIHSS, 1999-2010) com base nos itens de linguagem desta escala.

Todos os pacientes foram posteriormente submetidos a uma nova avaliação da afasia por meio do Teste de Boston para Diagnóstico das Afasias Reduzido (TBDA-R) (Goodglass et al., 2001). Uma amostra não randomizada de pacientes consecutivos, após internação pelo AVC, foi alocada para realização de sessões de terapia fonoaudiológica grupal (TFG). Essa amostra compôs um grupo formado por 12 pacientes, o qual é reconhecido neste estudo, como grupo de intervenção (GI). Outros 15 pacientes com afasia, foram agrupados, de forma consecutiva, em um grupo controle (GC). Portanto, a casuística envolveu 27 pacientes, sendo 15 pacientes com afasia que aguardavam início de terapia fonoaudiológica (GC) e 12 pacientes que realizaram terapia fonoaudiológica grupal em uma instituição de ensino (GI).

Todos os participantes do GI e do GC foram submetidos, no momento da inclusão no estudo, à aplicação de três instrumentos: 1) Questionário sociodemográfico, que englobou as variáveis relacionadas à idade, gênero, presença de cuidador, escolaridade, frequência das atividades sociais antes e após o AVC e tempo da ocorrência do AVC; 2) Teste de Boston para Diagnóstico das Afasias Reduzido (TBDA-R); 3) Questionário sobre leitura (“Após o AVC, o (a) Senhor (a) mantém o hábito de leitura?”; “Atualmente, quantas vezes na semana, praticas a leitura?”). O questionário sobre leitura foi reaplicado após intervenção terapêutica no GI e antes do início de terapias para o GC. O questionário sociodemográfico e o questionário sobre o hábito da leitura foram elaborados pelos autores.

Todos os pacientes possuíam compreensão preservada para responderem os questionários e apresentaram severidade da afasia de 4 a 5 no TBDA-R, ou seja, apresentavam perda óbvia da fluência da fala ou desvantagem mínima perceptível. Foram excluídos pacientes com diagnóstico prévio de doenças neurodegenerativas, psiquiátricas, perda auditiva ou visual severa, problemas de locomoção que os impossibilitaram de frequentar as sessões terapêuticas grupais. Também foram excluídas do estudo, pessoas que estavam participando de qualquer tipo de terapia fonoaudiológica concomitante ao estudo e pessoas que não sabiam ler e escrever.

### **Formato da terapia grupal**

A terapia grupal foi realizada com a intensidade de 1h e 30min, frequência de duas vezes por semana e com duração de 12 semanas, totalizando 24 sessões. A dosagem da terapia foi de 36 horas. Todas as sessões em grupo foram conduzidas pelo mesmo fonoaudiólogo, com 17 anos de experiência clínica. A estruturação terapêutica realizada envolveu a modalidade de terapia multicomponentes, sendo voltado ao apoio social e estimulação da comunicação no contexto das necessidades da vida cotidiana (Lima et al., 2021). Para o trabalho da leitura, foram utilizadas a estratégia da leitura compreensiva de pequenos textos associado a questionários para preenchimento acerca da interpretação do texto lido. Foram realizadas atividades de leitura de uma única palavra com o objetivo de trabalhar a consciência fonológica e de decodificação. Também foram realizadas leituras em uníssono e leitura do gênero literário: história em quadrinhos. Os materiais utilizados para a realização das estratégias

terapêuticas foram: papel, caneta, lápis, borracha, cola e letras emborrachadas. A cada encontro, os pacientes levavam tarefas para casa para realizarem em conjunto com sua família. Além disso, a escrita dos pacientes foi incentivada por meio do desenvolvimento de um livro sobre suas vivências e expectativas após o AVC, em que os participantes puderam ser protagonistas de sua história escrita. Após as 24 sessões houve um encontro para a entrega formal dos livros impressos.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 2.026.022. Todos os indivíduos envolvidos (ou seus responsáveis) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **Análise estatística**

As variáveis qualitativas são apresentadas pelo seu número absoluto e percentagem e as variáveis quantitativas apresentadas pela média e desvio padrão. Para comparar as médias e percentagens das principais variáveis entre indivíduos, com e sem terapia fonoaudiológica grupal, foi utilizado o teste de Mann-Whitney para variáveis quantitativas e teste exato de Fisher para variáveis categóricas. Para comparar a mudança do hábito de leitura regular no momento da inclusão e após 3 meses, foi utilizado o teste McNemar. O software SPSS versão 23 foi utilizado para as análises estatísticas. O valor considerado para significância estatística foi de  $P < 0,05$ .

### **3. Resultados**

Participaram do estudo 27 pessoas com afasia. Deste total, 15 compõem o GC e 12 pacientes o GI. A média de idade nos dois grupos foi de 60 anos. Quanto a distribuição por sexo, o mesmo foi semelhante entre o GC e GI, com maior prevalência do sexo masculino em ambos os grupos. Com relação à presença de cuidador, verifica-se que, no GC, 93,3% possuíam um cuidador. Em relação à escolaridade, foi observado que a maioria dos pacientes do GC tinha mais do que 4 anos de escolaridade, enquanto no GI, metade tinha menos de 4 anos de estudo.

**Tabela 1.** Comparação entre os grupos.

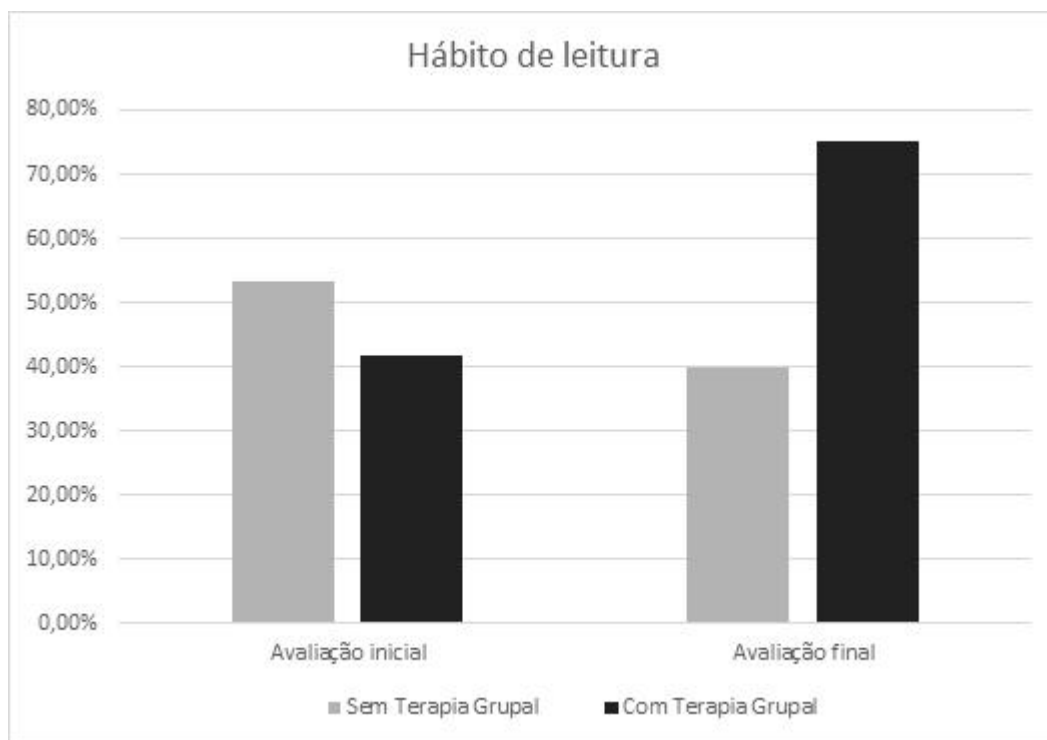
Variáveis	Sem terapia grupal (n= 15)		Com terapia grupal (n=12)		Valor de p
	frequência ou média	% ou DP	frequência ou média	% ou DP	
<b>Gênero</b>					
Masculino	11	73,30%	5	41,70%	0,130
Feminino	4	26,70%	7	58,30%	
<b>Idade</b>	63	12,01	59	16,9	0,238
<b>Cuidador</b>					
Sim	14	93,3%	7	58,3%	0,060
Não	1	6,7%	5	41,7%	
<b>Escolaridade</b>					
<= 4 anos	5	33,3%	6	50,0%	0,452
> 4 anos	10	66,7%	6	50,0%	
<b>Atividade Social antes do AVC</b>					
Até 2 vezes na semana	11	73,3%	12	100%	0,106
> 2 vezes na semana	4	26,7%	0	0%	
<b>Atividade Social após o AVC</b>					
Até 2 vezes na semana	13	86,7%	12	100%	0,487
> 2 vezes na semana	2	13,3%	0	0%	
<b>NIHSS</b>					
Total	9	7,2	10	8,3	0,836
Linguagem	2	0,6	2	0,8	0,754
<b>Tempo do AVC</b>	3,8	0,7	6	1,3	0,002
<b>Severidade TBDA-R</b>	5	0,6	4	1,0	0,645

DP= desvio padrão; AVC = Acidente Vascular Cerebral; NIHSS = *National Institute of Health Stroke Scale*. TBDA-R = Teste de Boston para Diagnóstico das Afasias Reduzido. Fonte: Autores.

Os dados evidenciam que pacientes com maior tempo de AVC foram os participantes do GI (6 vs. 3,8 meses;  $p=0,002$ ). Contudo, quanto à frequência da realização de atividades sociais, nota-se que ambos os grupos mantiveram a dimensão social antes e após o AVC (Tabela 1). Ao comparar a pontuação do item linguagem do NIHSS com a severidade da afasia no TBDA-R não houve diferença entre os grupos (Tabela 1).

Em relação ao hábito de leitura (Figura 1), dos 15 pacientes que não realizaram terapia, 8 (53,3%) tinham hábito de leitura regular. Neste grupo, após 3 meses sem intervenção, apenas 6 (40%) mantinham o hábito de leitura ( $p=0,500$ ). Já em relação aos 12 pacientes que realizaram terapia grupal, 5 (42%) apresentavam hábito de leitura regular, sendo que após 3 meses de terapia, 9 (75%) mantiveram este hábito de leitura ( $p=0,219$ ).

**Figura 1.** Comparação do hábito de leitura entre os grupos que realizaram ou não terapia.



Fonte: Autores.

Em relação a frequência da leitura, dos 8 pacientes que não realizaram terapia e tinham o hábito de leitura, 6 (75%) liam 2 ou mais vezes por semana, sendo que este número não mudou após 3 meses de AVC. Já em relação aos 5 pacientes que realizaram terapia grupal e tinham o hábito de leitura, 3 (60%) liam 2 ou mais vezes por semana, sendo que após 3 meses de terapia, 4 (67%) apresentavam frequência de leitura de 2 ou mais vezes na semana.

#### 4. Discussão

Os resultados deste estudo sugerem que um trabalho grupal, comprometido com a promoção de estratégias de intervenção multicomponentes de compreensão de leitura em contexto intra e extraterapêutico, pode aumentar a adesão e frequência dos hábitos de leitura, ampliando a relação que pessoas com afasia estabelecem com esta habilidade. Nosso estudo apontou que a terapia fonoaudiológica grupal proporciona motivação e indica uma possível ampliação da leitura entre sujeitos com afasia. Desta forma, o TFG pode influenciar positivamente, na qualidade de vida dessa pessoa, pois o ato de ler permite que ela tenha participação mais autônoma diante de suas ações diárias e das decisões que envolvem a sua vida (Nguyen, Morris, Webster, & Nickels, 2020). Estudos indicam que a capacidade de ler é considerada essencial na realização pessoal, na medida em que possibilita ao leitor acesso ao conhecimento, em suas diversas vertentes (Krug, 2015; Smith, 2000; Hux, Wallace, Brown, & Knollman-Porter, 2021).

Uma pesquisa que aplicou o *Stroke and Aphasia Quality of life Scale -39* (SAQOL-39), um protocolo mensurativo da qualidade de vida em pessoas com afasia, destacou que pacientes com hábitos de leitura antes e após a lesão cerebral obtiveram maior escore no domínio da comunicação. Essa pesquisa corrobora a premissa de que a leitura é um marcador de qualidade de vida (Lima et al., 2014).

Além disso, convém considerar que o processo de leitura favorece a pessoa com afasia, visto que tal processo aproxima-se da fala, no qual o sentido da linguagem transita em situações de interlocução face a face (Coudry & Freire, 2017; Webster et

al., 2021; Webster et al., 2022). O trabalho da leitura ativa uma cascata neurobiológica complexa, envolvendo atividades linguísticas e discursivas linguísticas. Tais atividades se somam à coordenação do olho exigido no *input* do grafismo da letra, à memorização fonológica, à memorização das normas ortográficas e da língua, além da compreensão do sentido textual que será apresentado por um conjunto de letras (Coudry & Freire, 2017). Desse modo, o trabalho terapêutico grupal, pautado na ativação deste complexo, por meio da leitura, contribui para a promoção da reciclagem neural, ou seja, para plasticidade neuronal, viabilizando o uso da linguagem em suas diferentes modalidades (Coudry & Freire, 2017; da Silva Irigoite, 2012).

Um estudo fez uso de dois testes de compreensão de leitura que avalia a leitura silenciosa: Bateria de Compreensão de Leitura para Afasia - RCBA e a Compreensão do Discurso – DCT, e destacou que após uma média de 12 horas de terapia fonoaudiológica, pessoas com afasia apresentaram um posicionamento positivo frente a atividade da leitura, resultando em mudança na autopercepção da capacidade de ler, nos comportamentos e nas relações com e sobre a leitura (Webster et al., 2013).

Um estudo realizado com 12 pacientes com afasia crônica, sendo avaliados pré e pós terapia fonoaudiológica pelos testes Avaliação Psicolinguística do Processamento da Linguagem na Afasia (PALPA) e Western Aphasia Battery-Revised (WAB-R), foram subdivididos em dois grupos de terapia com enfoques distintos de categoria de linguagem: fonológico e semântico. Cada participante participou de 40 horas de terapia. Os resultados da terapia do grupo com enfoque fonológico evidenciaram melhora na ortografia, na produção do som das letras e na correspondência fonema-grafema, durante a leitura e a escrita. Todavia, o grupo exposto ao trabalho com enfoque semântico também apresentou melhora na correspondência fonema-grafema na leitura e escrita (Shamapant & Bennett, 2017). Esses dados demonstram a relevância das terapias fonoaudiológicas grupais englobarem categorias multimodais (auditiva, gestual, musical, tátil-cinestésica) e não somente signos alfabéticos.

São as categorias multimodais, mais facilmente acessadas em terapias grupais, que colocam a pessoa com afasia em relação aos sentidos linguísticos e discursivos construídos em conjunto com outros indivíduos, por meio de gestos, da necessidade de ouvirem-se no grupo e de buscarem estratégias múltiplas para interagirem, que viabilizam a inter-relação entre o processo neurológico da leitura com sua função social. Desse modo, em função dessa multiplicidade de recursos, o leitor insere-se em um espaço discursivo, que não se exterioriza somente por palavras, mas por imagens passíveis de interpretação e produção de sentidos (Knollman-Porter et al., 2016; Krug, 2015).

Na presente pesquisa, observou-se que as pessoas que realizaram terapia fonoaudiológica em grupo apresentaram maior tempo de lesão cerebral. Tal constatação indica a necessidade de uma indagação acerca dos motivos da procura tardia para o tratamento fonoaudiológico. A demora na procura para o tratamento pode estar relacionada à percepção de que não houve melhora espontânea na fala. A sobrecarga advinda do impacto do diagnóstico e sequelas também refletem na escolha de prioridades no tratamento, haja vista a fisioterapia é tradicionalmente selecionada primeiramente, para a reabilitação das sequelas motoras, como por exemplo, a marcha. Além disso, é prudente considerar que, o município em que foi realizado o presente estudo, embora desponte como pioneiro na prestação de terapia fonoaudiológica grupal (Lima et al., 2021), ainda apresenta carência de serviços públicos de referência, voltados à reabilitação de pessoas com afasia pós-AVC, dificultando o acesso das famílias com baixa renda.

O presente estudo tem algumas limitações que precisam ser consideradas na generalização de nossos resultados. O número reduzido de amostra dos grupos pode ter contribuído para limitar o poder estatístico de nossos achados e avaliar outras variáveis de confundimento que poderiam influenciar a associação estudada. Por outro lado, mais do que se fixar nos valores de teste de probabilidade, alguns achados foram observados e devem ser explorados em pesquisas futuras. Além disto, apesar da amostragem ter sido selecionada de forma consecutiva por data de ocorrência do evento, a falta de randomização não afasta um possível risco de viés de seleção. Em relação ao desfecho estudado, hábito de leitura, o questionário utilizado não permitiu um aprofundamento do conhecimento acerca da complexidade do material lido, gêneros literários de escolha, número de horas de



leitura e nível de compreensão. Desta forma, faz-se necessária a continuidade desta pesquisa com validação de questionários para aprofundamento destas questões, bem como envolvendo não somente o hábito da leitura de símbolos gráficos (grafema – fonema), mas outras vertentes de leitura, como por exemplo, pictórica, gestual e musical.

Este é o primeiro estudo a se concentrar na melhora da leitura de pessoas com afasia, que realizaram terapia grupal. Ele possibilitou um novo olhar sobre a pessoa com afasia e as relações que estabelece com a leitura. Verificou-se neste estudo que apesar do grupo intervenção apresentar maior tempo de AVC, foi observado maior adesão e aumento da frequência de leitura, sugerindo o efeito positivo da intervenção fonoaudiológica. Paradoxalmente, o grupo intervenção era menos escolarizado, evocando novamente o papel da terapia grupal na maior adesão à leitura após a intervenção. Deste modo, a terapia fonoaudiológica grupal, em categoria multimodal e pragmática, que visa uma abordagem pautada no estímulo das vias sensoriais da audição, visão, olfação, tátil-cinestésico e gustação, como também a linguagem pantomima e musical, deve propiciar estratégias profícuas para a constituição e reconstituição do sujeito leitor, na afasia. Trata-se de uma terapia que potencializa e ressignifica o uso da comunicação verbal e não verbal. Conforme os resultados deste estudo, pacientes que realizaram terapia fonoaudiológica grupal, apresentaram maior disponibilidade para atividades com a leitura, indicando aumento na frequência do ato de ler.

Ademais, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos com delineamento mais rígidos que utilizem a abordagem de tratamento multimodal com foco na leitura. Uma pesquisa indicou que a terapia multimodal ativa as representações fonológicas, ortográficas e semânticas, as quais constituem-se como marcadores necessários para a prática da leitura, bem como para aperfeiçoar o processamento da linguagem escrita (Kerry et al., 2019). Seguindo essa direção, outro estudo ressaltou que a adição de um componente ortográfico ao programa de tratamento fonológico, evocado de forma multimodal, pode melhorar a escrita e as habilidades de leitura (Brookshire et al., 2014; Kerry et al., 2019). Nessa mesma perspectiva, uma revisão sistemática, que utilizou a leitura oral no tratamento de linguagem em afasia, abordou estímulos multimodais para melhorar a fluência da leitura, bem como a decodificação, o reconhecimento de palavras inteiras e a compreensão do texto lido, os resultados evidenciaram melhora na compreensão da leitura em pessoas com afasia (Purdy et al., 2019).

Além disso, convém explicitar a importância de estudos fonoaudiológicos pautados em intervenções terapêuticas voltadas a pessoas com afasia, considerarem o tipo de abordagem utilizada bem como a frequência, a intensidade e a dosagem total (horas total de terapia) do tratamento. Essas questões são imprescindíveis para a observação e mensuração do impacto funcional da leitura, no processo de reabilitação da pessoa com afasia.

## 5. Conclusão

A terapia fonoaudiológica em grupo pode ter contribuído para o aumento da adesão e da frequência de leitura em pessoas com afasia. A abordagem de multicomponentes, deve ser considerada como uma modalidade que pode melhorar o enfrentamento na dificuldade de leitura, além de contribuir para a motivação da leitura em pessoas com afasia.

Este estudo sugere um novo olhar para a prática terapêutica voltada à pessoa com afasia, ou seja, um olhar que permite ao sujeito com afasia, ressignificar-se como leitor, pois a leitura, além da decodificação de sinais gráficos e alfabéticos, envolve recursos imagéticos, cromáticos e pantomímicos. Favorecer a pessoa com afasia, por meio da leitura, o resgate de diferentes vertentes sensoriais e diversas possibilidades de significar o mundo, certamente melhora a sua qualidade de vida. Por fim, salienta-se que ainda não é possível a generalização dos achados do presente estudo, mas reforça-se a necessidade de novos estudos para maior aprofundamento do impacto da terapia fonoaudiológica grupal na reelaboração da leitura.



## Referências

- Altmann, R. F., Silveira, A. B. d., & Pagliarin, K. C. (2019). Intervenção fonoaudiológica na afasia expressiva: revisão integrativa. *Audiology-Communication Research*, 24.
- Brady, M. C., Kelly, H., Godwin, J., Enderby, P., & Campbell, P. (2016). Speech and language therapy for aphasia following stroke. *Cochrane Database Syst Rev*(6), CD000425. 10.1002/14651858.CD000425.pub4
- Brookshire, C. E., Wilson, J. P., Nadeau, S. E., Gonzalez Rothi, L. J., & Kendall, D. L. (2014). Frequency, nature, and predictors of alexia in a convenience sample of individuals with chronic aphasia. *Aphasiology*, 28(12), 1464-1480. 10.1080/02687038.2014.945389
- Coudry, M. I. H., & Freire, F. M. P. (2017). Fala e leitura: uma (re) entrada para a escrita. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 59(3), 565-579.
- Da Silva Irigoite, J. C. (2012). Teorizações cognitivas sobre o processamento da leitura: contribuições das neurociências. *Working Papers em Linguística*, 13(3), 106-116.
- Dickey, L., Kagan, A., Lindsay, M. P., Fang, J., Rowland, A., & Black, S. (2010). Incidence and profile of inpatient stroke-induced aphasia in Ontario, Canada. *Archives of physical medicine and rehabilitation*, 91(2), 196-202.
- Fama, M. E., Baron, C. R., Hatfield, B., Turkeltaub, P. E. (2016). Group therapy as a social context for aphasia recovery: a pilot, observational study in an acute rehabilitation hospital. *Top Stroke Rehabil*, 23(4), 276-283. 10.1080/10749357.2016.1155277
- Goodglass, H., Kaplan, E., & Barresi, B. (2001). The assessment of aphasia and related disorders: *Lippincott Williams & Wilkins*.
- Kerry, S. J., Aguilar, O. M., Penny, W., Crinion, J. T., Leff, A. P., & Woodhead, Z. V. J. (2019). How Does iReadMore Therapy Change the Reading Network of Patients with Central Alexia? *J Neurosci*, 39(29), 5719-5727. 10.1523/JNEUROSCI.1426-18.2019
- Knollman-Porter, K., Brown, J., Hux, K., Wallace, S. E., & Uchtman, E. (2016). Preferred visuographic images to support reading by people with chronic aphasia. *Topics in Stroke Rehabilitation*, 23(4), 269-275.
- Krug, F. S. (2015). A importância da leitura na formação do leitor. *REI-Revista de educação do IDEAU*, 10(22).
- Lima, R. R., Massi, G. A., Guarinello, A. C., da Silva, A. P. B. V., Moro, C. H. C., & Lima, H. d. N. (2014). Factors related to the quality of life in the context of communication in people with aphasia in southern Brazil. *Aphasiology*, 28(1), 116-127. 10.1080/02687038.2013.832140
- Lima, R. R., Massi, G. A., Guarinello, A. C., Silveira, N. C., Cuozzo, L. G., Weber, A. H., . . . do Nascimento Lima, H. (2018). The impact of group therapy for aphasia on quality of life. *Aphasiology*, 32(S1), 126-127.
- Lima, R. R., Rose, M. L., Lima, H. N., Cabral, N. L., Silveira, N. C., & Massi, G. A. (2020). Prevalence of aphasia after stroke in a hospital population in southern Brazil: a retrospective cohort study. *Topics in Stroke Rehabilitation*, 1-9. 10.1080/10749357.2019.1673593
- Lima, R.R., Rose, M. L., Lima, H. d. N., Guarinello, A. C., Santos, R. S., & Massi, G. A. (2021). Socio-demographic factors associated with quality of life after a multicomponent aphasia group therapy in people with sub-acute and chronic post-stroke aphasia. *Aphasiology*, 1-16. 10.1080/02687038.2020.1727710
- Martins, S. A. (2016). As múltiplas facetas do processamento da leitura em indivíduos afásicos: revisão de literatura. *Entrepalavras*, 6(2), 370-390.
- Nguyen, H., Morris, J., Webster, J., & Nickels, L. (2020). Everyday reading in aphasia: Does advance picture context influence reading speed and comprehension? *Aphasiology*, 1-21. 10.1080/02687038.2020.1812046
- NIHSS. (1999-2010). NIH Stroke Scale International. <http://www.nihstroke.org/portuguese.shtml>.
- Hux, K., Wallace, S. E., Brown, J. A., & Knollman-Porter, K. (2021). Perceptions of people with aphasia about supporting reading with text-to-speech technology: A convergent mixed methods study. *Journal of Communication Disorders*, 91, 106098. <https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2021.106098>
- Purdy, M., Coppens, P., Madden, E. B., Mozeiko, J., Patterson, J., Wallace, S. E., & Freed, D. (2019). Reading comprehension treatment in aphasia: a systematic review. *Aphasiology*, 33(6), 629-651. 10.1080/02687038.2018.1482405
- Santana, A. P. (2015). Grupo terapêutico no contexto das afasias. *Distúrbios da Comunicação*, 27(1).
- Shamapant, S., & Bennett, S. (2017). Abstract WP174: Intensive Phonology Treatment Promotes Recovery in Reading in Chronic Aphasia Post Stroke. *Stroke*, 48(suppl\_1), AWP174-AWP174.
- Smith, M. C. (2000). The Real-World Reading Practices of Adults. *Journal of Literacy Research*, 32(1), 25-52. 10.1080/10862960009548063
- Webster, J., Morris, J., Connor, C., Horner, R., McCormac, C., & Potts, A. (2013). Text level reading comprehension in aphasia: What do we know about therapy and what do we need to know? *Aphasiology*, 27(11), 1362-1380.
- Webster, J., Morris, J., Malone, J., & Howard, D. (2021). Reading comprehension difficulties in people with aphasia: investigating personal perception of reading ability, practice, and difficulties. *Aphasiology*, 1-19. 10.1080/02687038.2020.1737316
- Webster, J., Morris, J., & Howard, D. (2022). Reading comprehension in aphasia: the relationship between linguistic performance, personal perspective, and preferences. *Aphasiology*, 1-17. 10.1080/02687038.2022.2039999